

Nivelamento – Língua Portuguesa

Aula 10

Prof.: Amanda Fratea de Lucca

Duração: 10:08

Olá! Tudo bem?

Será que, apesar de todos nós falarmos a Língua Portuguesa, falamos da mesma maneira? Será que falamos a mesma maneira quando falamos com o nosso chefe ou quando falamos com o nosso amigo?

A aula de hoje vai tratar desse assunto, sobre noções de variação linguística.

Nessa aula, nós iremos rever noções de variação linguística e, entre elas, a variação regional ou geográfica; a variação sociocultural e a variação histórica.

Toda pessoa que fala um determinado idioma conhece suas regras gerais de funcionamento, não é? Mas, isso não quer dizer que todos os falantes de uma língua a utilizem de maneira rigorosamente uniforme. Existem muitos fatores (como a idade, o grupo social, o sexo, o grau de escolaridade, entre outros fatores) que vão interferir na maneira individual que o falante tem de se expressar. Dizemos, por isso, que em um idioma ocorrem as variações linguísticas.

Diz-se, em termos gerais, que é preciso “falar a mesma língua”. Nós, por exemplo, falamos o português. Mas, será que temos

uma língua portuguesa ou várias línguas portuguesas? Vamos refletir...

O português da Bahia é o mesmo do Rio Grande do Sul?

O português de um médico é igual ao do seu paciente?

O português de um habitante da zona rural é o mesmo português de um executivo da capital?

O português de um avô é igual ao do seu netinho de cinco anos ou, ainda, do seu neto adolescente, surfista?

Podemos dizer que a linguagem ocorre de formas diversas, de acordo com a época, o lugar, o grupo social e, ainda, a própria situação em que a pessoa se encontra. Assim, temos os seguintes tipos de variação linguística, de acordo com Amaral.

Temos a variação sociocultural, que é a que se relaciona com o grupo social ao qual o falante pertence; temos a variação geográfica, que vai se relacionar com a região em que o falante vive por um certo tempo e a variação histórica, que se relaciona com o tempo (a época) em que o falante vive.

A variação histórica é a variação que ocorre de uma época para outra. As línguas se alteram com o passar do tempo, não é verdade? As alterações ocorrem tanto na grafia como no sentido de muitas palavras. E você já sabe disso, tendo em vista o Novo Acordo Ortográfico, que estudamos em aulas anteriores, então, a grafia de determinadas palavras sofreu alteração. Além disso, surgem palavras novas, enquanto outras vão deixando de ser usadas, até desaparecerem por completo.

Em uma conversa com alguém mais idoso, podemos observar o uso de palavras e construções que, hoje em dia, a gente não usa mais. Por exemplo:

- Tudo azul com você? Entendeu?
- Ele é um pão!

E aí, que é isso: ele é um pão, tudo azul com você?

Isso aí é um linguajar que era usado antigamente. Tudo azul com você? quer dizer tudo bem com você?; ele é um pão!, ele é um gato, ele é muito bonito.

Variação regional é aquela que ocorre de um lugar para outro. É possível ouvir pronúncias diferentes para uma mesma palavra, de acordo com a origem do falante. Por exemplo:

Recife, que é como falamos aqui em São Paulo; R(é)cife; e R(i)cife. Então, de acordo com o lugar que a pessoa está, a mesma palavra pode ter várias pronúncias.

A forma ou a ordem, também, da frase pode ser modificada pelas diferenças geográficas, por exemplo:

Não posso; posso não; não posso, não.

Na sua região, como você fala? Não posso; posso não ou não posso, não?

Aqui, na região de São Paulo, o mais comum é a gente falar não posso.

Essas são variedades encontradas dentro do território brasileiro. Vamos ver um exemplo, agora, de um dialeto caipira:

Conheço um velho ditado desde os tempos dos zagais

um pai trata deis fio, deis fio num trata um pai

sentindo o peso dos anos, sem podê mais trabaiá

um véio peão estradeiro com seu fio foi mora

o rapaiz era casado, e a muié deu de impricá

você mande o véio imhora, se não quisé que eu vá,

o rapaiz coração duro com veinho foi falá:

para o senhor se muda, meu pai eu vim lhe pedí

hoje aqui da minha casa o sinhô tem que saí.

leva esse couro de boi, que eu acabei de curtí

pra lhe servi de cuberta aonde o sinhô dormi.

Triste essa história, mas é verdade, não é? Aqui, a gente está falando um dialeto caipira.

Há, também, diferenças entre a linguagem usada no Brasil e o português de Portugal, por exemplo, em Portugal, a gente fala cerveja de pressão. Se você pedir um *chopp*, lá, eles não vão te entender, pois não vão saber o que é. Ponto de ônibus é paragem de ônibus. Moça é rapariga.

E olha que, aqui no Brasil, se você falar rapariga em determinado lugar, vão te xingar, porque rapariga é um palavrão.

Banheiro, lá, não existe, é casa de banho. Café da manhã, pequeno almoço e trem é comboio.

Então, veja, a língua igual, a língua é a mesma, mas com as suas variações.

Vamos falar sobre a variação sociocultural, que ocorre de um grupo para outro.

Numa mesma época e num mesmo lugar, as pessoas, também, não se expressam sempre da mesma forma. O nível de escolaridade, o grupo social ou profissional e o contato maior ou menor com a escrita determinam variações da linguagem.

“Há uma grande diferença se fala um deus ou um herói; se um velho amadurecido ou um jovem impetuoso na flor da idade; se uma matrona autoritária ou uma ama dedicada; se um mercador errante ou um

lavrador de pequeno campo fértil...” Quem falou isso foi Horácio. Ele já viu essas variações na linguagem.

Quando ouvimos, por exemplo, um grupo de médicos conversando sobre fatos de sua profissão, muitas vezes, ficamos sem entender algumas palavras ou modo de falar, não é? Ou mesmo um grupo de jovens surfistas, por exemplo, de economistas, de pessoas fanáticas por computadores ou pelos *videogames*. Porque esses grupos utilizam os jargões, e o que são jargões?

Eles se caracterizam pela presença de muitos termos técnicos, que são pouco compreensíveis para pessoas que não têm conhecimento específico daquela área.

Veja se você consegue reconhecer o grupo social ou a profissão a que pertence o enunciador dos trechos do *slide* que vamos apresentar.

Data venia, havia indícios de o réu ser inimputável e, *ipso jure*, realizada perícia médica, constatou-se que de fato o era à época dos fatos; o réu não nega a autoria nem alega ter agido sob os auspícios de excludente alguma. E aí, quem é que está falando?

É um advogado, não é? Você entendeu todo esse linguajar? Você entendeu o que ele quis dizer?

O cadáver de J.R. foi encontrado em decúbito dorsal e o meliante se evadiu do local. E aí, quem é que está falando?

É um policial.

Vamos agendar um *brainstorm* para estimular o *team building* em nossa cultura organizacional e, aproveitando o *know-how* de nosso CEO, agregar valor ao *business plan*. E aí, quem está falando isso?

Isso mesmo. Alguém de uma equipe, de uma empresa, que está falando com essas palavras, que nós chamamos de jargões, que são específicos de determinada área, de determinada profissão.

As regras do idioma.

“... os falantes e ouvintes de uma mesma língua observam um número não pequeno de regras - mil a mil e quinhentas é uma estimativa já admitida - , ao falarem e ouvirem. Tais regras constituem um sistema [...] É a esse sistema que se dá o nome de gramática de uma língua [...] o normal é que um

indivíduo internalize praticamente todas as regras de sua língua já ao atingir 12-13 anos.” Isso, quem disse foi Antônio Houaiss, no livro “O que é língua”, da coleção “Primeiros passos”.

E você? Será que você tem internalizado toda a gramática da sua língua? Eu garanto que você tem mais de 13 anos!

Não é assim que acontece, por isso, vamos à escola, porque a gente precisa estudar, a gente precisa ficar atento e saber cada vez mais usar a nossa própria Língua Portuguesa.

Finalizamos aula de hoje!

Espero encontrá-lo bem na próxima aula!

Até mais!

UMC